

ABORDAGENS FENOMENOLÓGICO- HERMENÊUTICAS EM PESQUISAS EDUCACIONAIS

OSMAR DE SOUZA ¹

Resumo

O artigo sumariza abordagens fenomenológico-hermenêuticas em pesquisas educacionais, a partir da proposição de Gamboa (1999). Situa a gênese dessas abordagens, em co-ocorrências com outras, empírico-analíticas, crítico-dialéticas, entendidas como superações históricas. Ancora as explicitações a partir da Fenomenologia de Husserl e estabelece pontuações a partir de diversos níveis: técnico, epistemológico, gnosiológico, histórico, antropológico. Reflete também sobre cuidados requeridos nessas abordagens, para evitar o mascaramento da pesquisa. Entre tantos, aparece a dificuldade de se perceber o desenho da pesquisa, a dificuldade em generalizar os resultados, ou estabelecer ilações num universo conceitual mais amplo.

Abstract

The article summarizes phenomenological and hermeneutic approaches used in educational research, based on Gamboa's proposal (1999). The origin of these approaches co-occurs with others: empirical and analytical, critical and dialectic, which are recognized as historical improvements. These approaches are rooted in Husserl's Phenomenology and can be seen from various perspectives: technical, epistemological, gnosiological, historical and anthropological. The article also reflects on the caution that is necessary when using these approaches, in order to ensure that the research is accurate. Among these is the difficulty of distinguishing the outline of the research and the difficulty of generalizing the results, or drawing inferences in a wider conceptual universe.

¹ Professor do Mestrado em Educação da Univali e da Furb. E-mail: osmar@melim.com.br

Palavras-chave:

Fenomenologia, hermenêutica, diferentes desenhos de pesquisa.

Introdução

O movimento por que passa a pesquisa em educação no Brasil, hoje, é muito dinâmico. Gamboa (1999) categoriza os produtos científicos (dissertações e teses) em educação em três categorias: a) as empírico-analíticas; b) as fenomenológico-hermenêuticas; c) as crítico-dialéticas. Este artigo privilegia a segunda abordagem, por se aproximar da experiência de seu autor. Antes de se aprofundar a abordagem, cabe esclarecer que não se vêem as três categorias como excludentes, mas como superações históricas. Suspeita-se também que pode haver outras categorias não contempladas naquela classificação, como a autopoietica.

A experiência deste professor, seja como orientador, avaliador e docente, vem revelando que constitui um desafio saber situar-se num *design* de investigação. Às vezes, ao se ler um trabalho, tem-se muito mais um retrato de atividade de extensão do que propriamente de pesquisa. Manifestam-se também opiniões sobre um determinado fenômeno, sem uma malha teórica que as sustente. A pouca transparência de um *design* tem sido mais freqüente em trabalhos que se orientam pelo prisma fenomenológico-hermenêutico. Por isso, este texto explicita ao leitor os fundamentos histórico-metodológicos que respaldam as formas de investigar e também para as armadilhas que este paradigma pode oferecer ao pesquisador pouco experiente e mesmo àquele já com alguma bagagem.

A organização interna se pauta por dois tópicos centrais: os fundamentos e os cuidados ao se elaborar um projeto que privilegie as diretrizes de pesquisas fenomenológico-hermenêuticas.

Fundamentando

A literatura situa o entendimento da fenomenologia a partir de Husserl. Para este, citado por Triviños (1987), “tudo o que sei do mundo, mesmo devido à ciência, o sei a partir de minha visão pessoal ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência nada significariam. Aquele filósofo defendia o princípio da questionabilidade do conhecimento, entendendo que questionar não é negar o conhecimento, mas desvendar a sua gênese. Outra categoria fundamental deste paradigma atribuído a Husserl é a “intersubjetividade”.

Japiassu e Marcondes (1996, p. 146-147) definem a intersubjetividade como “a interação entre diferentes sujeitos, que constitui o sentido cultural da experiência humana. Relaciona-se à possibilidade de comunicação, de que o sentido da experiência de um indivíduo, como sujeito, seja compartilhado por outros indivíduos.”

Para os autores, esta noção supera, em fenomenologia e na filosofia analítica da linguagem, o subjetivismo. Na epistemologia, designa a “objetividade” de n sujeitos concordando quanto ao sentido de algo ou quanto a um resultado determinado.

Assim, fazer ciência é uma ação entre sujeitos. E, em educação, pode-se acrescentar, a intersubjetividade se manifesta desde a coleta de informação à comunicação oral e/ou escrita da pesquisa. O pesquisador, em geral, busca um sentido proeminente em falas diversas, seja na coleta de informações, seja na elucidação teórica.

Triviños (1987) considera a fenomenologia uma tendência dentro do idealismo filosófico; neste, do idealismo subjetivo. O idealismo implica a redução do objeto do conhecimento ao sujeito conhecedor. (Japiassu & Marcondes, op. cit. p. 134) Para Triviños, a idéia fundamental da fenomenologia é a noção de intencionalidade. Esta palavra, na filosofia, vem da escolástica e é definidora da consciência. A partir disso, entende-se que o mundo só adquire sentido enquanto objeto da consciência. A fenomenologia, então, reduz a distância entre o idealismo e o realismo (Japiassu & Marcondes, 1996, p. 144).

Bruyne & Herman & Schoutheete (1977) defendem que a fenomenologia pode ser vista: a) como uma prática científica; b) como uma metodologia da compreensão; c) como uma filosofia das ciências; d) como uma estética da existência. Em comum, opera-se uma ruptura radical com as certezas positivistas. Para os mesmos autores, proceder a uma análise fenomenológica é substituir as construções explicativas pela descrição do que se passa efetivamente do ponto de vista daquele que vive tal e qual situação concreta.

Para Masini, no artigo *Enfoque fenomenológico de pesquisa em educação*, a fenomenologia dá ênfase à vida cotidiana, pelo retorno àquilo que ficou esquecido, encoberto, pela familiaridade (pelos usos, hábitos e linguagem do uso comum). Diz que se amplia o “cogito, ergo sum” (Penso, logo existo) de Descartes. Este passa a ser uma volta ao mundo da vida, no confronto com o mundo dos valores, crenças, ações conjuntas, pelo qual o ser humano se reconhece como aquele que pensa a partir desse fundo cotidiano anônimo que aí está e aí se visualiza como protagonista, nesse mundo da vida.

Para esta autora, não há um método fenomenológico; há uma atitude. A defesa da autora faz sentido quando se reconhece o método como uma construção lógica, enquanto atitude que implica tomadas de decisão permanentes para se saber. Masini busca em Heidegger fundamentos para a fenomenologia. Aquele autor citado afirma que compreender deixa de ser visto como um modo de conhecer, para ser uma visão de um modo de ser. A apropriação dos conhecimentos se dá pelo círculo hermenêutico: compreensão, interpretação nova, compreensão.

Triviños (1987), situando a gênese da fenomenologia, considera-a uma tendência dentro do idealismo filosófico; neste, do idealismo subjetivo. Para este autor, a idéia fundamental da fenomenologia é a noção de intencionalidade. Esta é da consciência que sempre está dirigida a um objeto. A partir disso, não se entende mais objeto sem sujeito.

A fenomenologia possui bases antropológicas e tem privilegiado estudos sobre a escola (Triviños, op. cit. p. 48). Trabalha-se com estudos em sala de aula. Neste espaço, opta-se por uma abordagem interacionista.

Nas pesquisas fenomenológicas, com procedimentos qualitativos, opera-se em geral com categorias (Minayo, 1994). Categoria se refere a uma palavra ou um conceito. Em geral, liga-se à idéia de classe ou série; são empregadas para estabelecer classificações. Trabalhar com categorias, então, significa agrupar elementos, idéias, expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso.

Para Minayo, as categorias podem ser estabelecidas antes ou após os dados colhidos. As anteriores pertencem a conceitos mais gerais ou mais abstratos. Estas requerem uma fundamentação teórica sólida por parte do pesquisador. As formuladas posteriormente são mais específicas e concretas.

Gamboa (1999) explicita as abordagens fenomenológico-hermenêuticas a partir das seguintes categorias: nível técnico/teórico; nível epistemológico; critérios de cientificidade; aspectos gnosiológicos; ontológicos e visão da história. Este conjunto será desenvolvido a seguir.

Em relação ao nível técnico, as pesquisas fenomenológico-hermenêuticas utilizam técnicas não quantitativas como entrevistas, depoimentos, vivências, narrações, técnicas bibliográficas, histórias de vida e análise do discurso. Ao nível teórico, a análise de documentos e textos é o forte deste paradigma. Também neste nível, há críticas às abordagens fundadas no experimentalismo, nos métodos quantitativos e nas propostas tecnicistas. Expressam interesse específico pela denúncia e na explicação das ideologias subjacentes; os elementos críticos são abundantes e manifestam interesse por práticas alternativas inovadoras.

Pelo excesso de denúncias e por um tom negativista, lêem-se críticas às abordagens fenomenológico-hermenêuticas porque não prevêm alternativas. Mas, como os fenômenos ocorrem em sala de aula, em práticas reais, é possível o desenvolvimento de pesquisas que superem a denúncia. Pesquisas etnográficas, pelo viés interpretativista ou de análise de protocolo, encaixam-se nessa possibilidade real. Práticas de pesquisa participante e pesquisa-ação igualmente permitem avançar para além da denúncia.

Do ponto de vista epistemológico, as pesquisas fenomenológico-hermenêuticas têm uma concepção de causalidade, entendida como uma relação entre o fenômeno e a essência, o todo e as partes, o objeto e o contexto. Japiassu e Marcondes (1996) defendem que a epistemologia já superou a dicotomia “teoria” x “ciência”. Focaliza o problema do crescimento dos conhecimentos científicos. Aproxima-se, assim, das ciências em via de se fazerem, de formação e de estruturação progressiva.

Sobre os critérios de cientificidade, assenta-se no processo lógico de interpretação e na capacidade de reflexão do pesquisador. Isto implica um conceito de ciência como a compreensão do fenômeno em suas diversas manifestações (variantes) através de uma estrutura cognitiva ou na explicação dos pressupostos, das implicações e dos mecanismos ocultos. Neste caso, pesquisar significa captar o

significado dos fenômenos, saber ou desvendar seu sentido ou seus sentidos. A compreensão supõe uma interpretação, uma maneira de conhecer o seu significado que não se dá imediatamente; por isso, precisamos da interpretação (hermenêutica). Esta é entendida como indagação ou esclarecimento dos pressupostos, das modalidades e dos princípios da interpretação e da compreensão.

Ainda de acordo com Gamboa (1999), para as abordagens hermenêuticas, a interpretação-compreensão é indispensável à necessidade que os homens têm de se comunicar com seus semelhantes. O interesse cognitivo que comanda as pesquisas fenomenológico-hermenêuticas é a comunicação. Conhecer a realidade significa compreendê-la. A compreensão de um fenômeno só é possível com relação à totalidade à qual pertence. Não há compreensão de um fenômeno isolado.

Quanto aos pressupostos gnosiológicos, ou seja, aqueles que se referem às concepções de objeto e de sujeito e a sua relação no processo de conhecimento, na abordagem fenomenológico-hermenêutica predomina a subjetividade. Esta é entendida como a presença marcante do sujeito na interpretação do objeto, o que é garantida no processo rigoroso da passagem da experiência fenomênica à compreensão da essência, através da recuperação da totalidade implícita ou do contexto no qual insere o fenômeno. Este processo supõe o comando do intérprete que assume a subjetividade fundante do sentido; chega a um sujeito agente no quadro auto-compreensivo (Habermas, apud Gamboa, 1999).

Quanto aos pressupostos ontológicos, relativos à noção de homem e de educação, a noção de homem vem marcada pelo tecnicismo e funcionalismo nas abordagens empírico-analíticas; nas abordagens fenomenológico-hermenêuticas, predominam a visão existencialista de homem. Este é tido como projeto, ser inacabado, ser de relações com o mundo e com os outros. Educar é desenvolver e possibilitar um projeto humano, criando as condições para que o homem consiga ser mais; é conscientizar. Isso pode ficar mascarado, confundindo pesquisa com estratégias de ensino/de extensão.

Quanto à visão de história, as abordagens fenomenológico-hermenêuticas oscilam entre uma preocupação sincrônica e diacrônica. A preocupação sincrônica concebe os fenômenos como colocados num cenário, com sistemas dentro de um macrossistema. Embora adquiram movimento no conflito das interpretações, eles são a manifestação de uma essência permanente (o invariante). As pesquisas diacrônicas são coerentes com a visão dinâmica da realidade e as noções ontológicas de “mundo inacabado” e o “universo em construção” e estão preocupadas em perceber os fenômenos no seu devir e na sua história.

Conclui Gamboa: “a preocupação com a descrição, a análise, a especificidade e a interpretação dos fenômenos, utilizando para isso categorias fundadas na lógica formal, no raciocínio hipotético-dedutivo e nos princípios da identidade e da não contradição, opõe-se à preocupação com a dinâmica dos fenômenos. A visão de mundo, entendida como uma percepção organizada da realidade que orienta a produção da pesquisa, constrói-se através da prática cotidiana do pesquisador e das condições concretas de sua existência.

Bogdan & Biklen (1994) estabelecem as seguintes características da pesquisa qualitativa, que em geral faz parte das abordagens fenomenológico-hermenêuticas:

- 1- a fonte direta de dados é o ambiente natural; apesar de equipamentos usados, há um peso importante das anotações pessoais;
- 2- é descritiva; os dados colhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números;
- 3- interessa-se mais pelo processo do que propriamente pelos resultados obtidos;
- 4- tendem a analisar os seus dados de forma indutiva; as abstrações são construídas à medida que os dados particulares vão se agrupando;
- 5- o significado é importante; ouvem-se diferentes vozes para se entender melhor uma questão educativa.

Advertindo

O enfoque anteriormente resumido permite uma associação a três obstáculos deste tipo de pesquisa, caracteristicamente qualitativa e que se encontra em Minayo (1994). O primeiro diz respeito à ilusão do pesquisador. Corre-se o risco de pensar que os dados se apresentam de forma nítida. Segundo a autora, este perigo aumenta pela familiaridade do pesquisador com o tema. No primeiro congresso ibero-americano, realizado em abril de 2000, em Santa Maria, Nóvoa teceu críticas sobre a abordagem de “Histórias de Vida”, pela vulgarização ocorrida a partir do que ele havia escrito. Histórias de vida fazem parte das alternativas fenomenológico-hermenêuticas. Mas Nóvoa defende que há necessidade de um fundamento teórico substantivo para não cair numa visão especulativa.

O segundo se refere ao excessivo envolvimento com métodos e técnicas: pode afetar a análise do significado presente nos dados. Observa-se isso quando há excessiva preocupação com aspectos formais, normas da ABNT. A formatação, em geral, fica para fases finais de um processo de pesquisa. No auge, são os dados que importam.

O terceiro se manifesta pelas dificuldades de articular as conclusões com os conhecimentos mais amplos ou mais abstratos: 1) estabelecer uma compreensão dos dados pesquisados; 2) confirmar ou não os pressupostos da pesquisa ou responder às questões formuladas; 3) ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado, articulando-o com o contexto social/cultural da qual faz parte. Por exemplo, um pesquisador desenvolve um estudo de caso, numa escola, acerca de um problema. Ao final de sua pesquisa, poderá estabelecer inferências com outras realidades semelhantes.

Soares & Fazenda (1989) explicitam as relações entre pesquisas “convencionais” e “não-convencionais”. As categorias, dizem elas, convencionais ou não-convencionais não se contradizem; podem ser um continuum e coexistir num

mesmo trabalho científico. Constatam as autoras que, na década de 60, as pesquisas eram bem convencionais; depois, aderem ao não-convencional. Elas vêem não como diferença entre bom e mau, mas entre tipos de pesquisas, de acordo com o locutor da pesquisa, o interlocutor e o gênero.

Para elas, na pesquisa convencional, desaparece a primeira pessoa; os dados falam; trabalha-se a objetividade, a neutralidade; na não-convencional, o locutor é o “eu” ou o “eu e você”. Na convencional, o interlocutor são os pares, a academia, o mundo científico; na não-convencional, os interlocutores podem ser os pesquisados (às vezes a academia). Quanto ao gênero, na convencional, há um esquema geral previsível, textos predominantemente dissertativos, impessoais; na não-convencional, já há a narratividade.

Resumindo, assim expressam: *“no continuum do convencional e do não-convencional, partimos do pesquisador que se oculta e delega aos dados a locução, passamos ao pesquisador que assume a locução, buscando parceria dos pesquisados, chegamos ao pesquisador que se reconhece como individualidade, que se dissolve construindo o coletivo com os outros, em compromisso, em solidariedade, em cumplicidade com os outros. O interlocutor também se amplia: não apenas os pares da academia, não só os participantes da pesquisa, mas todos aqueles que constroem a História, o conhecimento. E esse interlocutor impõe e permite um novo gênero, caracterizado pela libertação de normas e regras de estruturação e de estilo acadêmicos.”* (Soares & Fazenda, 1989, p. 127).

Para estas autoras, o problema geral que persiste em ambas é a socialização dos resultados. Este é um problema geral, não só de dissertações, mas também de outras pesquisas desenvolvidas pela Universidade.

Considerações Finais

Este texto não se propôs esgotar uma explicitação dos enfoques fenomenológico-hermenêuticos em educação. Apenas quis oferecer uma panorâmica aos prováveis leitores, para orientar a explicitação metodológica de seu projeto de investigação. Essas abordagens oferecem, como diria Umberto Eco, algumas arapucas e ratoeiras, entre as quais:

- o desvio da questão objeto;
- o excesso de informações desnecessárias ao desvelamento da questão problema central;
- a exaltação de uma visão, percepção de mundo;
- a defesa intransigente de propostas, perdendo a “humildade científica”, apreçada por Umberto Eco.

Entre as perspectivas positivas que as abordagens fenomenológico-hermenêuticas permitem, destacam-se:

- a possibilidade de ressignificações de um mesmo material de pesquisa;

- a revisão conceitual à luz das ações educativas efetivamente praticadas;
- a possibilidade também de inter-relações com as abordagens empírico-analíticas e crítico-dialéticas.

A explicitação neste texto admite que os três paradigmas não necessariamente se excluem. Há procedimentos que podem ser reorganizados, em função das perspectivas que a pesquisa orienta. Considera-se fundamental o pesquisador não definir a abordagem sem conhecer os dados de sua pesquisa. Deixar os dados falarem parece ser uma atitude enriquecedora do pesquisador.

Referências

- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto, 1994.
- BRUYNE, P.; HERMAN, J.; SCHOUTHEE, M. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**. Tradução: Ruth Joffily. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- GAMBOA, S. S. A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto. In: FAZENDA, I. C. (Org.). **Novos enfoques da pesquisa educacional**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999. 135 p.
- JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. (Ed.). **Dicionário básico de Filosofia**. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. 80 p.
- SOARES, M. B.; FAZENDA, I. C. Metodologias não-convencionais em teses acadêmicas. In: FAZENDA, I. C. (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1989.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. 252 p.